

A ENTREVISTA RADIOFÔNICA EM ESPANHOL: DELIMITAÇÕES DO GÊNERO DISCURSIVO.

Leandro Silveira de ARAUJO
UNESP / UFU
leandrocbt@msn.com

Resumo: Tendo em vista que os gêneros discursivos são “tipos relativamente estáveis de enunciados” que se constroem nos diversos modos de interação humana”, visamos proceder ao estudo do gênero *entrevista radiofônica* e, desse modo, elencar algumas características próprias deste gênero oral. Para tanto, nos valem da revisão dos aspectos envolvidos na caracterização dos gêneros segundo uma abordagem sociointeracionista, para finalmente descrever os âmbitos temático, estilístico, estrutural e funcional dos enunciados que compõem a *entrevista radiofônica*. Nesse percurso, consideramos questões relacionadas aos domínios discursivos, à tipologia textual e ao suporte do gênero. A fim de alcançar esse nível de descrição, fundamentamos nossas conclusões a partir da análise de um *corpus* composto pela gravação de entrevistas que circularam em rádios argentinas. Diante desse material, recorreremos ao uso do *software* de processamento semântico *tropes* que nos auxiliou no mapeamento das características textuais preponderantes dos textos coletados. A síntese do estudo aponta-nos o emprego de uma variedade linguística menos monitorada e espontânea, ainda que eventualmente se observe marcas de uma relativa atenção à fala. Dentre outras contribuições, espera-se oferecer uma base descritiva que fomente futuros estudos sobre a aplicabilidade desse gênero para o ensino de língua estrangeira, bem como que para a descrição do idioma.

Palavras-chave: entrevista radiofônica, gêneros discursivos, oralidade, língua espanhola, descrição linguística.

1 Gêneros discursivos: revisão teórica

Como comenta Marcuschi (2008), o estudo dos gêneros textuais não é recente na sociedade ocidental. Sabemos que há vinte e cinco séculos Platão já havia se dedicado a descrevê-los dentro da esfera literária. Anos mais tarde, Aristóteles, na *Retórica*, estende a análise dos gêneros a outras esferas de interação humana, elaborando uma teoria mais sistematizada e fundamentada na análise da natureza do discurso. Deste modo, o filósofo nota que o discurso compõe-se de três elementos (MARCUSCHI, 2008, p.147): (i) Aquele que Fala, (ii) Aquilo sobre o que se fala e (iii) Aquele a quem se fala.

Uma das grandes contribuições de Aristóteles para os estudos do gênero foi “mostrar que os discursos podem ser classificados segundo o auditório e segundo a finalidade” (REBOUL, 1998, p.47), isto é, há de se levar em conta o contexto de enunciação quando se deseja avaliar as formas por meio das quais a linguagem se estrutura. As modernas abordagens teóricas do gênero textual vêm ampliando seu horizonte de análise e intensificando a preocupação com a relação existente entre língua e interação social.

Neste sentido, Bakhtin (1997, p.279) estabelece seu postulado teórico a partir do princípio de que “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”. Essa relação pode ser evidenciada pela infinidade de usos linguísticos existentes, reflexo das variadas formas de interagir nas diferentes esferas de atividade humana.

Isso acontece porque em nossa prática humana de interação mediada pela língua, assumimos naturalmente “o diálogo, por sua clareza e simplicidade, [como] a forma clássica da comunicação verbal” (BAKHTIN, 1997, p.294). Assim, baseando-nos na estruturação

dialógica, ao constituirmos nossos enunciados¹, agregamos-lhes um caráter responsivo, configurando, por isso, um cenário comunicativo onde todos os enunciados em circulação nas diferentes esferas de ação humana respondem a enunciados anteriores e, ao mesmo tempo, provocam respostas (em enunciados) posteriores.

Ou seja, dentro dos pressupostos teóricos do círculo de Bakhtin, o conceito de *diálogo* expande-se para além da ideia de comunicação sincrônica, na qual se verifica, simultaneamente, uma troca constante de respostas. Numa dimensão ampliada, a resposta buscada por um enunciado pode ser dada assincronicamente, numa “temporalidade mais extensa”. Isso porque os enunciados pertencem a um “diálogo social mais amplo” (MARCHEZAN, 2006, p.117).

Em síntese, pode-se entender o *diálogo* Bakhtiniano no sentido *stricto* ou *lato*:

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p.125).

Nesta abordagem teórica, enfatiza-se o *diálogo* porque somente por meio do uso efetivo da língua, isto é, através de enunciados trançados em relação dialógica, é que as formas linguísticas passam a possuir valor.

Avançando na conceitualização dos gêneros do discurso, o autor ressalta que os enunciados são caracterizados pelas especificidades da esfera de comunicação à qual pertence e, neste sentido, afirma que “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso”² (BAKHTIN, 1997, p.279).

As características, condições, necessidades e finalidades provenientes de cada esfera discursiva são refletidas nos gêneros e podem ser percebidas em três elementos constitutivos do enunciado: *conteúdo temático, estilo e construção composicional*. Nas palavras do autor:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. (BAKHTIN, 1997, p.280).

Bakhtin (1997) não nega a dificuldade em lidar com a vasta gama de gêneros existentes em nossa sociedade e tampouco com a mutabilidade a que está sujeito cada um deles. Este quadro heterogêneo deve-se à direta relação existente entre o homem e a língua, pois, à medida que compomos nossos enunciados, imprimimos-lhes traços peculiares à nossa individualidade e à situação de enunciação em que nos encontramos. Assim, é natural esperar que as muitas condições de se relacionar em uma sociedade complexa favoreçam a contínua ampliação dos gêneros discursivos.

¹ Enunciado é a “[...] unidade real da comunicação verbal” (BAKHTIN, 1997, p.293), ou seja, é a realização da língua no processo de interação linguística entre os seres humanos.

² Não estamos, neste trabalho, preocupados com a diferenciação teórica entre os termos *gêneros discursivos*, *gêneros do discurso* ou *gêneros textuais*. Assumiremos as expressões como sinônimas e a opção por uma ou outra estará relacionada ao uso feito pelo teórico em discussão.

A fim de propor uma classificação dos gêneros sem minimizar a extrema heterogeneidade recém comentada, o filósofo da linguagem recorre à diferença essencial existente entre o gênero de discurso primário, denominado simples, e o gênero de discurso secundário, denominado complexo:

Os gêneros secundários do discurso — o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. — aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios [...]. (BAKHTIN, 1997, p.281)

A simplicidade dos gêneros primários parece estar relacionada à espontaneidade verificável na interação verbal cotidiana, que se iguala ou se aproxima ao diálogo *stricto*. Por sua vez, o que observamos nos gêneros secundários é uma espécie de apropriação dos gêneros primários. Esta assimilação é seguida por uma reelaboração que distancia os enunciados secundários do diálogo cotidiano. O processo de *reformulação*, por sua vez, culmina na constituição de gêneros mais “elaborados”, cuja “relação imediata com a realidade” dialógica do enunciado, presente nos gêneros primários, não é colocada em evidência. Desta maneira, a categorização dos gêneros em *primários* e *secundários* leva em consideração o conceito de *diálogo stricto* ou *lato*:

[...] A distinção entre gênero primário e gênero secundário [...] retoma, respectivamente, as duas maneiras de se considerar o diálogo, a que já fizemos menção: em *stricto sensu*, o diálogo cotidiano, espontâneo e, com, base nele, o diálogo mais extenso e complexo que constitui todo e qualquer enunciado. (MARCHEZAN, 2006, p.119).

A visão de gênero tida por Marchuschi (2002, 2007, 2008) aproxima-se muito da perspectiva bakhtiniana. Para ele, os gêneros textuais são fenômenos históricos, vinculados à vida sociocultural, ou seja, não são entidades naturais, mas construções coletivas determinadas por circunstâncias históricas. Por isso, “surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas nas quais se desenvolvem” (MARCHUSCHI, 2002, p.20). Seu caráter sócio discursivo decorre da imprescindível necessidade que temos deles para nos comunicar em sociedade. Isto porque “[...] a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual” (MARCHUSCHI, 2008, p.11), como já havia observado Bakhtin (1997).

Dentro deste marco teórico, a definição dos gêneros textuais baseada unicamente na estrutura formal e linguística não seria a forma mais adequada de descrevê-los. Isso porque os gêneros não são “uma forma linguística, mas uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (MARCHUSCHI, 2008, p.154). Ou seja, a apreensão da funcionalidade desempenhada pelo gênero dentro do domínio discursivo a que pertence deve ser levada em consideração quando se quer defini-lo. Como exemplo, Marchuschi (2008) demonstra que ao produzir uma propaganda publicitária, o enunciatador tem o interesse de promover a venda de um produto. Na receita culinária, por sua vez, visa-se à orientação na confecção de um prato. Daí, conclui-se que “[...] cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação” (MARCHUSCHI, 2008, p.153).

Sintetizando a definição de gênero que defende, o autor mostra-nos que se trata de “textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características

sócio-comunicativas definidas por conteúdos; propriedades funcionais, estilo e composição característica.” (MARCUSCHI, 2002, p.22-23). Notemos, mais uma vez, que além do *conteúdo temático, estilo e construção composicional*, já apresentados por Bakhtin, Marcuschi acrescenta as *propriedades funcionais* ao conjunto de elementos que constituem os gêneros. Juntos, os quatro elementos serão determinados pelo que chama domínio discursivo, conceito equiparável à esfera da atividade humana, presente em Bakhtin (1997):

[...] os domínios discursivos produzem modelos de ação comunicativa que se estabilizam e se transmitem de geração para geração com propósitos e efeitos definidos e claros. Além disso, acarretam formas de ação, reflexão e avaliação social que determinam formatos textuais que em última instância desembocam na estabilização de gêneros textuais (MARCUSCHI, 2008, p.294).

Alguns domínios são mais flexíveis à criação de novos gêneros, outros menos; assim como há esferas que abrigam uma quantidade maior de formas de enunciados relativamente estáveis e outras, uma quantidade menor. São considerados domínios discursivos os âmbitos instrumentais (científico, acadêmico e educacional), jornalístico, religioso, da saúde, comercial, industrial, jurídico, publicitário, de lazer, interpessoal, militar, ficcional entre outros (MARCUSCHI, 2008, p.196).

Marcuschi faz ainda importantes colocações sobre a diferença entre gêneros textuais e tipos de texto. Enquanto aqueles não são “uma forma linguística, mas uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (MARCHUSCHI, 2008, p.154), estes são “sequências teoricamente definidas pela natureza linguística de sua composição” (MARCUSCHI, 2002, p.6).

Assim, diferentemente dos gêneros textuais, os *tipos* formam um grupo escasso com cinco, conhecidos como: *narração, argumentação, exposição, descrição e injunção*; sem tendência ao aumento (MARCUSCHI, 2008, p.154). Eles são utilizados pelos gêneros no seu processo de composição, de modo que um único gênero pode se valer de mais de um deles. A carta pessoal, por exemplo, pode facilmente ser estruturada apoiando-se nos cinco *tipos*. No entanto, serão as formas que costumeiramente preponderam, as que caracterizarão o gênero. No caso das cartas pessoais, destacam-se os tipos descritivo e expositivo. (MARCUSCHI, 2002, p.27).

Há ainda um conceito pertencente a essa cadeia de interação linguística que deve ser explorado: o *suporte*, imprescindível para viabilizar a circulação dos gêneros na sociedade. Contrariamente do que se possa pensar, ele não é neutro. Ou seja, apesar de não interferir no conteúdo, irá auxiliar na determinação do gênero. Vejamos o exemplo dado por Marcuschi (2008, p.174):

“Paulo, te amo, me ligue o mais rápido que puder.

Te espero no fone 55 44 33 22. Verônica.

Se o enunciado acima estiver reproduzido em um papel colocado na mesa do destinatário, o entenderemos como um *bilhete*; no entanto, se estiver na secretária eletrônica, será um *recado*. Se em um formulário próprio dos correios, um *telegrama*. Deste modo, o *suporte* de um gênero, será “um *locus físico* ou *virtual* com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (MARCHUSCHI, 2008, p.174). Os suportes podem ser divididos em duas categorias: *convencionais* e *incidentais*. Os primeiros são produzidos com a finalidade de abrigar gêneros (livro, revista, rádio, outdoor, encarte, televisão, telefone, entre outros), os *incidentais* são suportes que podem trazer textos, mas não foram concebidos com este fim, este é o caso da embalagem, da roupa, do corpo humano, da parede, entre outros.

A fim de compreendermos como todos esses elementos presentes na interação humana (gêneros textuais, domínio discursivo, tipos textuais, suporte) interagem, retomamos o organograma feito por Marcuschi (2008, p.178), em que se apresenta o modo pelo qual se dá a *produção textual*:

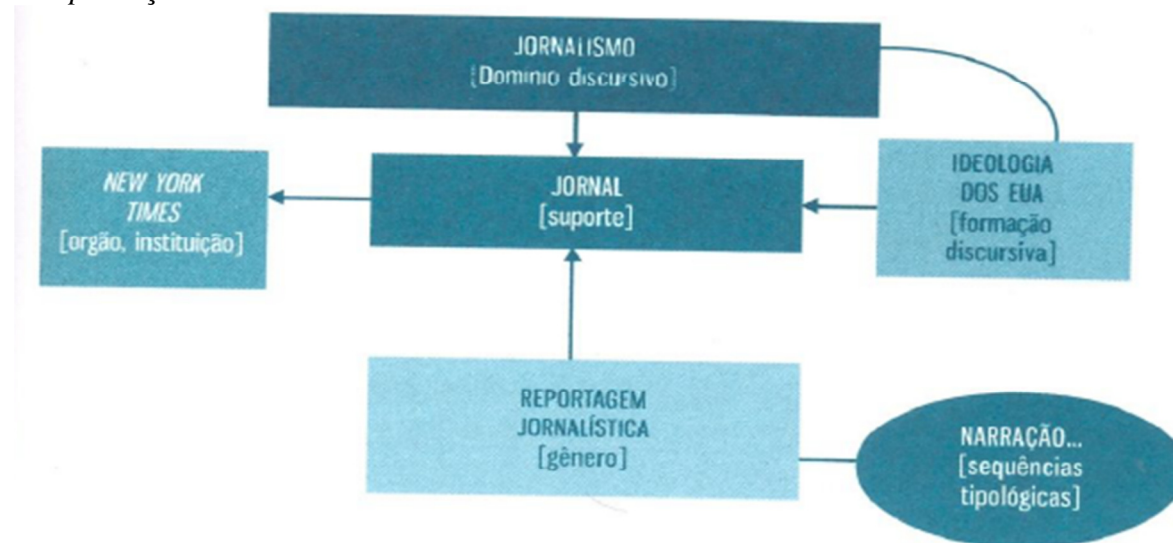


Figura 1. Da produção textual (MARCUSCHI, 2008, p.178).

No esboço acima, verificamos que:

[...] os textos se realizam em algum gênero e que todos os gêneros comportam uma ou mais sequências tipológicas e são produzidos em algum domínio discursivo que, por sua vez, se acha dentro de uma formação discursiva, sendo que os textos sempre se fixam em algum suporte pelo qual atingem a sociedade (MARCUSCHI, 2008, p.176).

Voltando-se para a discussão referente à produção textual nas modalidades oral e escrita da língua, Marcuschi (2007) comenta que lidamos constantemente com diferentes práticas sociais que são mediadas ora, preferencialmente, pela tradição oral, ora, preferencialmente, pela tradição escrita. O autor critica qualquer postura dicotômica no estudo das duas modalidades, pois tanto a oralidade como a escrita fazem parte do mesmo sistema linguístico e, por isso, são realizações de uma mesma gramática.

O organograma das *relações mistas dos gêneros* (MARCUSCHI, 2008, p.192), a seguir, mostra-nos como essas duas modalidades podem se misturar no processo de constituição de um gênero. Nele, são consideradas as condições orais e escritas de produção (concepção) e recepção (meio).

Em (a) temos o domínio tipicamente falado, por ser oral tanto na concepção quanto no meio de recepção. Paralelamente, (c) é considerado o domínio tipicamente escrito por possuir uma concepção escrita aliada a um meio gráfico. Por sua vez, os domínios (b) e (d) se diferenciam por mesclarem as duas modalidades. Os gêneros: *conversação espontânea*, *entrevista publicada na Veja*, *artigo científico*, *notícias de TV* são formas que ilustram, respectivamente, os domínios (a), (b), (c) e (d).

Para o autor, “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois *polos opostos*” (MARCHUSCHI, 2008, p.37). Ou seja, há uma ordem não dicotômica, motivada pelas práticas sociais, que determina as modalidades da língua presentes tanto na concepção, quanto no meio de recepção de cada gênero.

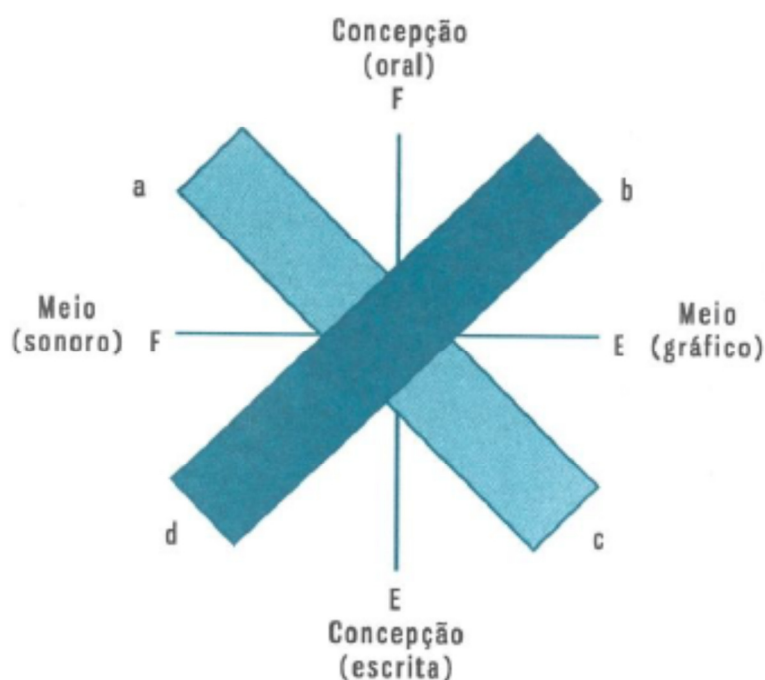


Figura 2. Das relações mistas dos gêneros (MARCUSCHI, 2008, p.192).

Da figura 2, passamos à figura 3, disposta a seguir. Percebamos que sua extremidade inferior esquerda traz o domínio absoluto da fala – isto é, tanto a concepção como meio de recepção são orais. A ideia do *continuum* pode ser comprovada por meio da observação da linha central tracejada, na qual verificamos um percurso que vai desde o menos formal (à esquerda, onde há preponderância do domínio da fala) até o mais formal (à direita, onde se espera encontrar maior monitoramento linguístico e preponderância do domínio da escrita). Notemos que o domínio da escrita expande-se à medida que segue em direção à maior formalidade. Assim, se acompanharmos o trajeto nesta direção, poderemos observar como progressivamente os gêneros vão mudando sua relação com as modalidades da língua, alcançando, na extremidade superior direita uma determinação preponderante do domínio da escrita.

É importante reparar que os gêneros presentes na fase intermediária – dentro do círculo – da figura 3 estão sob o domínio dos dois campos, ou seja, a concepção e o meio de recepção variam entre oral e escrito. Em uma leitura dicotômica, como a que criticamos, somente as extremidades seriam consideradas, deixando de lado todo o processo de mudança de domínios das modalidades e sua relação com as necessidades das esferas discursivas.

Em suma, desde Aristóteles verificamos que toda proposta de estudo dos gêneros textuais preocupou-se em relacionar língua à interação verbal humana, isto é, ao uso linguístico. Isto porque é nesta prática interacional que construímos estruturas textuais relativamente estáveis que nos servem de base para alcançarmos, por meio da língua, determinados objetivos. Por ter um contexto específico de uso, esses gêneros respondem e se caracterizam pelas necessidades e especificidades dos âmbitos sociais a que pertencem; em outras palavras, por meio da análise dos gêneros conseguimos entender como o contexto extralinguístico determina e caracteriza o uso linguístico.

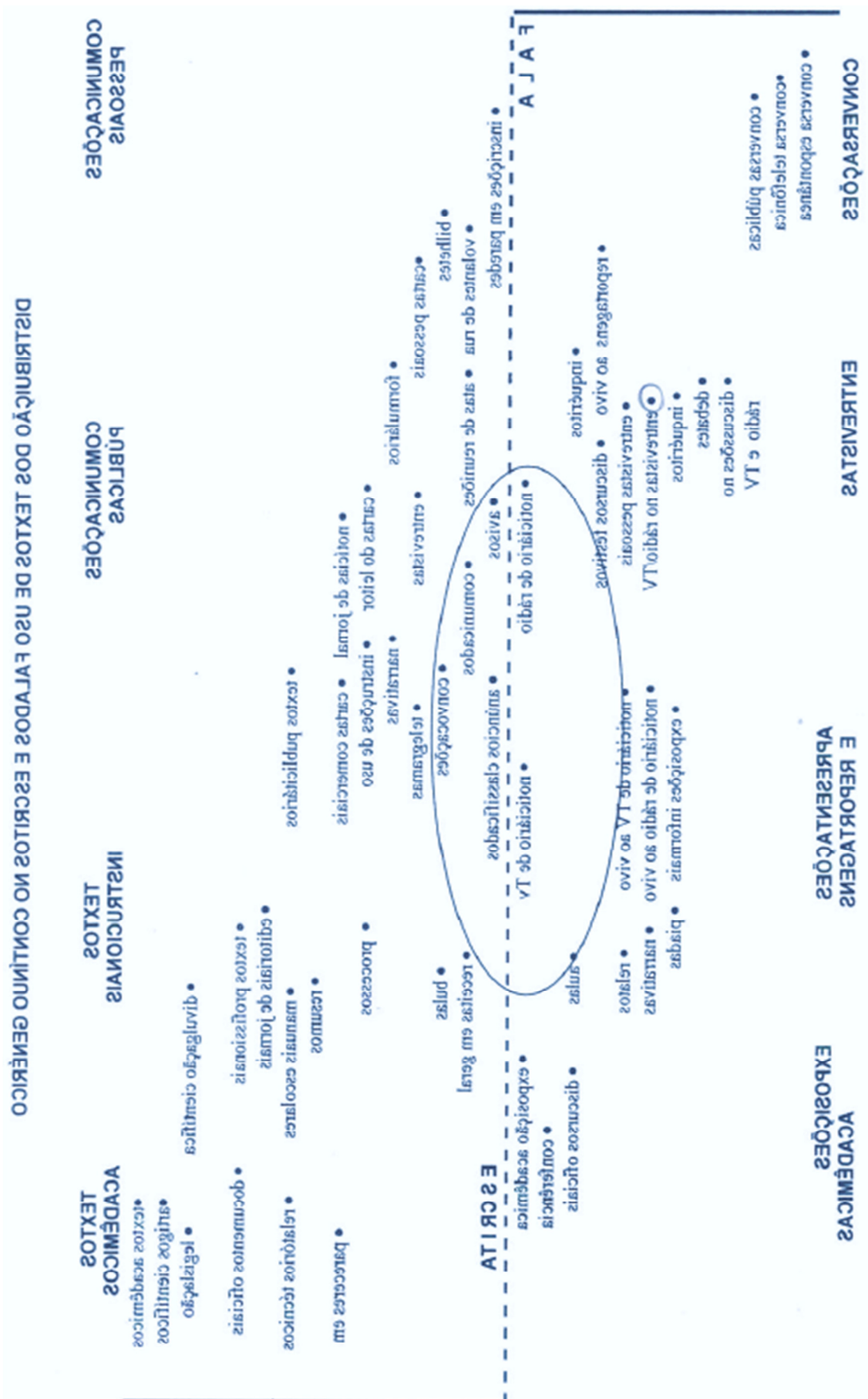


Figura 3. Da distribuição dos gêneros no *continuum* da relação fala-escrita (Marchuschi, 2008, p.197)

2 A entrevista radiofônica: apresentação do gênero discursivo.

A apresentação teórica dos gêneros do discurso, anteriormente desenvolvida, servenos, agora, como orientação para a análise e compreensão do modo como se estruturam os enunciados da *entrevista radiofônica*.

A fim de refazer o percurso epistemológico da conceitualização do gênero *entrevista radiofônica*, Pérez Cotten e Tello (2004, p.28) dizem haver “[...] um formato ou gênero que se denomina entrevista jornalística³”, e acrescentam que “conforme sua difusão em suporte papel ou por meios eletrônicos a entrevista jornalística é escrita, televisiva ou radiofônica⁴”. Em outras palavras, verificamos nessas duas asserções a definição do *domínio discursivo* a que pertence o gênero em questão, bem como o *suporte* de sua circulação social. Isto é, podemos entender que dentro da esfera jornalística há um modo de ação comunicativa estável que se chama *entrevista*, o qual, como sabemos, define-se pelas especificidades, exigências e necessidades do jornalismo.

A característica que aporta o suporte (*rádio*) ao gênero (*entrevista jornalística*) resgata uma discussão apresentada no tópico anterior, na qual verificamos que o *suporte* não altera o valor dos textos que divulga, mas define o gênero. No caso da rádio, um suporte virtual convencional, a ausência da imagem (presente na televisão) ou da possibilidade de releituras (possível no jornal impresso), entre outros traços que veremos mais adiante, fazem com que a entrevista radiofônica se diferencie das entrevistas difundidas por outros suportes do mesmo domínio discursivo.

Como salienta Marcuschi (2008), a funcionalidade do gênero é um elemento que deve ser levado em consideração quando queremos descrevê-lo. Visando encontrá-la, verificamos novamente nas palavras de Pérez Cotten e Tello (2004), o possível propósito da entrevista radiofônica:

Sirve para la construcción discursiva de diferentes relatos periodísticos [...] y, también, para escuchar directamente la voz del entrevistado [...] en ambos casos, el objetivo inicial (y por cierto, final) es el de producir conocimiento [...] (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004, p.29)⁵. La entrevista, por lo tanto, es el principal recurso periodístico para acceder a la información, ampliar una noticia, obtener la voz de algún personaje (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004, p.34)⁶.

A estruturação do gênero relaciona-se, portanto, à reconstrução de um evento por meio do discurso, à apreensão e à avaliação de opiniões envolvidas com acontecimentos das mais diversas esferas da sociedade. Ou seja, a entrevista radiofônica se organiza em função do *informar*, fazendo da informação, *notícia*⁷.

³ “[...] un formato o género que se denomina entrevista periodística.” (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004, p.28). A partir deste momento, estabeleceremos o padrão de traduzir para o português todas as citações em língua estrangeira menores de três linhas e, por isso, inseridas no corpo do texto. Os originais serão expostos em nota de rodapé. Assumimos a responsabilidade por todas as traduções feitas dentro deste padrão.

⁴ “[...] según se difunda en soporte papel o por medios electrónicos, la entrevista periodística es escrita, televisiva o radial.” (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004, p.28).

⁵ <Tradução nossa> “Serve para a construção discursiva de diferentes relatos jornalísticos [...] e, também, para escutar diretamente a voz do entrevistado [...] em ambos os casos, o objetivo inicial (e certamente, final) é o de produzir conhecimento [...]” (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004, p.29).

⁶ <Tradução nossa> “A entrevista, portanto, é o principal recurso jornalístico para aceder à informação, ampliar uma notícia, obter a voz de algum personagem” (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004).

⁷ Pérez Cotten e Tello (2004, p.29) diferenciam *informação* de *notícia*. A primeira seria somente o relato de um evento ocorrido ou que está por acontecer, por sua vez, a *notícia* é a informação que se tornou difundida pelo interesse despertado em seu espectador. Logo, toda notícia implica necessariamente uma informação, o contrário não é verdadeiro.

O curioso, no entanto, é que, se nos detemos somente nesta característica, não avançamos muito no conhecimento das particularidades deste gênero, isso porque difundir informações pertence, supomos, à essência do domínio discursivo em questão e, portanto, é de se esperar que também verifiquemos essa finalidade em outros gêneros do discurso pertencentes à esfera jornalística.

É por isso que a diferenciação da *entrevista radiofônica* vai se dando, efetivamente, pela identificação de novas características. Assim, como se lê nos dois fragmentos acima, o aporte de novas informações se dá, neste gênero, pela recepção da “voz” direta do entrevistado (“voz de algum personagem”). Voz que, por sua vez, responde outra, geralmente indagadora. A atitude responsiva verificada nesse embate resgata um caráter dialógico, que na entrevista é visto como:

[...] un encuentro de absoluta formalidad⁸ donde los roles están bien definidos. Hay un actor que propicia el desarrollo del conocimiento de un tema a través de otro actor. Pero este actor conoce algo sobre el tema, tiene algunas ideas. Éste, a través de preguntas facilita que se produzca conocimiento nuevo sobre determinado tema (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004, p.25)⁹.

Ou seja, o diálogo, além de possuir uma forma bem definida e conhecida por seus participantes, é instaurado por dois atores, cujos papéis estão bem estabelecidos: um que se acredita dominar o conteúdo que está na pauta da entrevista e outro que, a partir do conhecimento superficial que adquiriu sobre o tema, conduz o debate, tentando facilitar, por perguntas, o descobrimento de novas informações sobre o assunto.

Na entrevista radiofônica, esse diálogo formalizado com fins informativos assume um caráter eminentemente *público*, pois se constrói fundamentalmente para difundir uma informação (transformando-a em notícia) e, logo, satisfazer o anseio que o ouvinte tem por determinado assunto. Não é por acaso que caracterizamos a entrevista neste domínio discursivo como “a mais pública das conversações privadas”¹⁰.

A cena constituída por entrevistador e entrevistado ($Eu \leftrightarrow Tu$) debatendo um tema (Ele) comportaria, aparentemente, uma situação suficiente para a concretização de enunciados. No entanto, isso não é assim no diálogo da entrevista jornalística. Graças ao traço *público*, há na entrevista, imprescindivelmente, a exigência de mais um personagem, o telespectador/ouvinte, quem motiva e, por fim, recebe toda a mensagem. A seguir, a figura 4 auxilia-nos na compreensão desse gênero sob o ponto de vista do diálogo (bakhtiniano).

Nela, percebemos uma micro cena, na qual instaura-se um diálogo entre entrevistador (E_1) e entrevistado (E_2) para satisfazer, unicamente, a necessidade informativa que tem o espectador/ouvinte (E_3), na macro cena¹¹. Por seu turno, a resposta do ouvinte (E_3) ao enunciado composto por E_1 e E_2 não é necessariamente imediata, isso porque pode ser dada de diferentes formas: desde modos mais perceptíveis (como em comentários por chamadas telefônicas à rádio) até de maneiras menos conexas (por exemplo, com um diálogo traçado entre E_3 e um outro interlocutor (E_n) com quem possa interagir, até mesmo, assincronicamente). Por isso, escolhemos representar essa interação por meio de uma flecha pontilhada.

⁸ Formalidade, aqui, não é entendida como nível de monitoramento linguístico, mas como estruturação (forma) bem definida, marcada.

⁹ <Tradução nossa> “[...] um encontro de absoluta formalidade, onde os papéis estão bem definidos. Há um ator que propicia o desenvolvimento do conhecimento de um tema através de outro ator. Mas este ator conhece algo sobre o tema, tem algumas ideias. Este, através de perguntas, facilita que se produza conhecimento novo sobre determinado tema” (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004, p.25).

¹⁰ “[...] la más pública de las conversaciones privadas.” (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004, p.24).

¹¹ Não entender macro e micro, como sentidos *stricto e lato* do diálogo, verificados em Bakhtin.

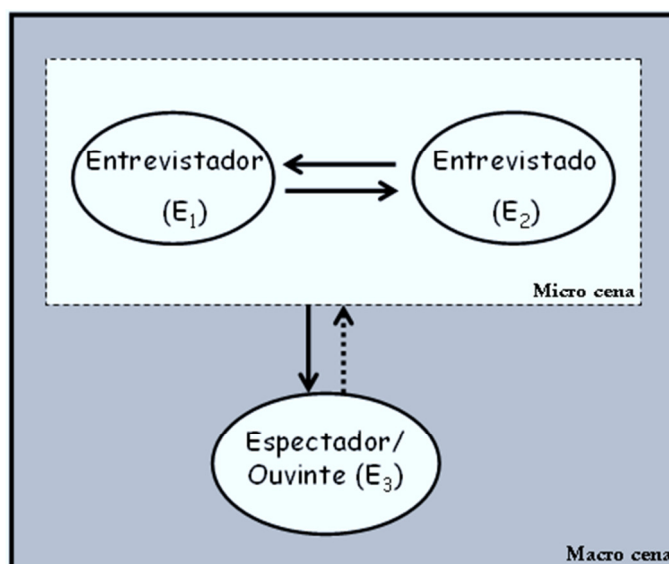


Figura 4. Do diálogo na entrevista radiofônica.

Frente a tal cenário, parece propício considerarmos *secundário* o gênero *entrevista radiofônica*, pois por se valer da esfera *jornalística* e do *rádio* (“circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída” (BAKHTIN, 1997, p.281)), este gênero apoia-se em uma rebuscada estruturação do diálogo, que, como vimos, vai além da simplicidade verificada no diálogo cotidiano (*stricto sensu*). Assim, em um primeiro plano (*micro cena*), constrói-se um diálogo (entre E_1 e E_2) mais próximo do cotidiano, no qual as relações são sincrônicas, mais espontâneas e onde, aparentemente, se configura a entrevista. No entanto, como vimos, essa *micro cena* não tem valor por si mesma; sua finalidade será informar E_3 (*macro cena*) e, portanto, estabelecer uma relação dialógica (*lato sensu*) com ele. Tanto é assim que os integrantes do primeiro plano têm consciência de que estão ali por causa do interlocutor (E_3), o ouvinte da rádio. As interações nesta *macro cena* ($[E_1 \leftrightarrow E_2] \leftrightarrow E_3$) são viabilizadas pelo entrevistador (E_1)¹² e já não são necessariamente tão evidentes, isto é, sincrônicas.

Em outras palavras, o que aparentemente poderia configurar um gênero primário ($E_1 \leftrightarrow E_2$), torna-se componente do gênero secundário ($[E_1 \leftrightarrow E_2] \leftrightarrow E_3$), isto é, “[...] transforma-se dentro deste e adquire uma característica particular: perde sua relação imediata com a realidade existente [...]” (BAKHTIN, 1997, p.281), à medida que se estrutura para satisfazer as necessidades presentes na realidade que envolve o ouvinte (E_3). Encontramos nas palavras de Farneda (2007) a definição sintética do que tratamos nos parágrafos anteriores:

A entrevista radiofônica é um gênero jornalístico que diz respeito ao encontro de um entrevistador (jornalista) e um entrevistado (especialista em um assunto em particular), cujo interesse é fazer falar o expert a respeito dos diferentes aspectos de uma questão e, dessa forma, levar as informações fornecidas, por essa interação, a terceiros. Sendo contrária a uma conversa comum, a entrevista apresenta um caráter estruturado e formal, cujo objetivo é satisfazer as expectativas do destinatário (FARNEDA, 2007, p.02).

O entrevistador deve buscar não só a simpatia de seu espectador, mas também a de seu entrevistado, que lhe poderá conceder maior informação à medida que se estabeleça um vínculo de maior confiabilidade. Daí que se infere que “a entrevista é um ato de *sedução mútua*. O entrevistador seduz para obter mais e melhores respostas. O entrevistado procura

¹² Graças a seu interesse de transformar informações em notícias.

convencer seu entrevistador, leva-lo a seu jogo, dizer o que quer dizer e evitar dizer o que não quer dizer” (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004, p.37) ¹³.

Para que o entrevistador tenha controle da entrevista, sugere-se que ele não seja muito jovem, mas no caso de o ser, deve deixar claro que é um profissional competente. Outras estratégias sugeridas são: ter clara a finalidade da entrevista proposta, conhecer o perfil do programa que a receberá, escolher o entrevistado adequado e manter contato prévio, reunir informações sobre ele e verificar antecedentes sobre seu desempenho em outras entrevistas realizadas (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004, p.88). Portugal e Yudchak (2008, p.76) sugerem, ainda, que o entrevistador esteja armado de uma pauta de questões, mas alerta para o perigo de ficar limitado a ela¹⁴, perdendo a possibilidade de seguir por caminhos abertos pelo entrevistado na prática discursiva, os quais até então eram inimagináveis.

Outro aspecto da entrevista radiofônica que merece especial atenção é a, já citada, presença da voz do entrevistado. O uso do discurso direto neste gênero (1) aproxima o ouvinte do entrevistado, já que aquele sabe que este fala para ele; (2) elimina a intermediação direta de um terceiro (jornalista), criando uma (3) aparente objetividade; (4) permite que o ouvinte tire suas próprias conclusões, protegendo, assim, o jornalista de eventuais asserções comprometedoras; (5) cria empatia ou antipatia entre ouvinte e entrevistado; além, é claro, de (6) permitir o conhecimento imediato da voz e os testemunhos envolvidos nos episódios noticiados (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004, p.33).

Haja vista que a presença direta de pelo menos duas vozes (entrevistador e entrevistado) é imprescindível neste gênero, o estudo de sua *construção composicional* deverá considerar o modo como, formalmente, organiza-se o diálogo nessa interação verbal. Neste sentido, Farneda (2007, p.2) mostra-nos que o “entrevistador e o entrevistado ocupam posições assimétricas”, mas que este “deve respeitar a agenda de perguntas prevista pelo jornalista. Os turnos de pergunta devem sempre terminar com uma interrogativa” e por sua vez, os turnos do entrevistado revestem-se unicamente de respostas. Ao entrevistador cabe a abertura e o fechamento da entrevista e não lhe compete “formular expressões de ratificação, opinião ou comentário, abstendo-se de formar opinião contra ou a favor do entrevistado”.

A fim de transmitir uma neutralidade, o entrevistador controlará os turnos por meio de falas mais breves. O entrevistado, por sua vez, terá falas mais longas a fim de transmitir a informação que detém. A estas características composicionais, somam-se as instruções dadas por Portugal e Yudchak (2008, p.76) para a condução da entrevista radiofônica. Para os autores, deve-se fazer uma pergunta de cada vez, de modo claro, curto e concreto.

A seguir, na figura 5, verificamos como estas características composicionais se realizam em uma das entrevistas que compõem *corpus*:

¹³“la entrevista es un acto de *seducción mutua*. El entrevistador seduce para obtener más y mejores respuestas. El entrevistado busca convencer a su entrevistador, llevarlo a su juego, decir lo que quiere decir y evitar decir lo que no quiere decir” (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004, p.37).

¹⁴ Comentando esse tipo de preparo prévio, Szymanski (2002) diz que essa ferramenta pode inibir o desenvolvimento da entrevista, ocasionando a não divulgação de importantes informações que poderiam ser dadas pelo informante em um diálogo fluido. A autora sugere que esse instrumental seja usado somente como apoio, em momentos em que o diálogo, por algum motivo, torna-se escasso.

KAR 0'00"	Diez de la mañana treinta y seis minutos. Como todos los lunes a la mañana, está con nosotros el doctor Guillermo Alonso, jefe del servicio de acupuntura del hospital de clínicas Presidente Nicolás Avellaneda. Le damos la [bienvenida] ¿Cómo le va, doctor?	El inicia o diálogo e apresenta E2.
ALO 0'14"	Bien bien.	
KAR 0'14"	Bien venido.	
ALO 0'15"	Muchísimas gracias.	Turnos menores e interrogativos
KAR 0'16"	Bueno, hoy un tema, todo el mundo tiene... se hace esta pregunta. Eh... Sobre el te... sobre el tabaquismo, ¿la acupuntura ayuda a superarlo?	
ALO 0'30"	Bien, sí. Hay hay numerosos pacientes que concurren a nuestro servicio. No vamos a decir que todos tienen éxito, pero un porcentaje importante, sí, lo tienen. Eh... Porque muchas veces tienen la convicción de dejar de fumar. Eh... muchas veces co... conocen obviamente cuales son los efectos deletéreo que está haciendo sobre su organismo, sobre la parte respiratoria e sobre el resto de su organismo, conocen las limitaciones... sí sí, claro claro, hay que [####], a la está llegando por su problema de tabaquismo, pero, a pesar de eso y a pesar de su buen propósito ellos no pueden dejar de fumar. Entonces, buscan esta ayuda.	Entrevistado domina turnos maiores.
KAR 1'04"	¿Y cuáles serían los mecanismos a los que abunda la acupuntura?	Turnos menores e interrogativos
ALO 1'07"	Bien, en primer lugar, eh por vía refleja, o sea, con las agujas, lo que logramos, por un lado, disminuir el grado de ansiedad porque, de alguna manera, quien fuma tiene un beneficio de [####]. Un beneficio entre comillas, o sea, el cigarrillo le ayuda en este momento a a disminuir la ansiedad. Obviamente que después viene el conflicto: "¿Por qué he fumado?", "he sido débil", "no... no he tenido convicciones", "no he tenido voluntad" y eso le genera de nuevo... le genera de nuevo la ansiedad y paradójicamente le hace fumar de nuevo mucho más. O sea que, por un lado, le disminuimos el tenor de la ansiedad a a esta persona. Por otra parte, el fumador tiene bloqueado el gus... el gusto y el olfato. O sea, se recuerdan los que fuman que los primeros cigarrillos eran duros, rígidos, fuertes, raspaban... y que después uno va logrando que todos sus... esas malas sensaciones se desaparezcán y hace una filtración de lo que pretende del cigarrillo y nada más. [...] Obviamente que... algunos pacientes necesitan más tiempo, otros menos tiempo, pero hay un porcentaje importante de paciente que lo logra.	Entrevistado domina turnos maiores.
KAR 3'15"	Perfecto. Doctor, ¿cómo se lo... se encuentra? ¿Todavía sin teléfono?	Turnos menores e interrogativos
ALO 2'20"	Antes teníamos... tenía la comunidad, los los pacientes ya conocidos como los nuevos me llamaban por teléfono para pedir asesoramiento o turno. Hoy tienen que molestarse tanto a los nuevos como los que ya tienen eh... su historia clínica de servicio, hasta el servicio en el hospital Avellaneda, en los horarios que ustedes conocen, que es de siete y media a doce, porque lamentablemente todavía no tenemos teléfonos, como [todo un nada de este lugar] donde está a servicio de cirugía. Que [Javier] ha hecho una obra muy importante, se ha llevado por adelante el cabrero [#### #### #### ####] nuevamente	Entrevistado domina turnos maiores
KAR 3'50"	O sea que la gente tiene que ir y pedir contacto.	El retoma o turno para terminar o diálogo.
ALO 3'53"	Exactamente	
KAR 3'53"	Perfecto. Con nosotros, como todos los lunes, el doctor Guillermo Alonso, jefe del servicio de acupuntura del hospital de clínicas presidente Nicolás Avellaneda. Gracias, doctor, hasta lunes.	
ALO 4'03"	Gracias a usted	

Figura 5. Do exemplo da composição estrutural da entrevista radiofônica.

Portugal e Yudchak (2008, p.84) destacam ainda a preferência por uma linguagem simples e, a partir de relatos de importantes jornalistas, mostram-nos o *estilo* mais empregado neste gênero. Assim, Alfredo Leuco, jornalista cordobês, diz utilizar “uma linguagem mais simples, frases curtas, [apelar] à sabedoria popular, à linguagem da rua, à linguagem coloquial, [...] com o que se ganha maior familiaridade e proximidade¹⁵”. Notemos como o uso de uma linguagem menos erudita possibilita a aproximação entre jornalista e sua audiência.

Da mesma maneira, Graciela Manscusio diz que “hoje a linguagem foi liberada, fala-se como na vida¹⁶” e Chiche Gelblung afirma que “a rádio tem que falar como o ouvinte¹⁷”.

¹⁵ “[...] un lenguaje sencillo, frases cortas, [...] apelo a la sabiduría popular, al lenguaje de la calle, al lenguaje coloquial, [...] con lo que se gana familiaridad, cercanía.” (PORTUGAL; YUDCHAK, 2008, p.84).

¹⁶ “Hoy se ha liberado el lenguaje, se habla como en la vida.” (PORTUGAL; YUDCHAK, 2008, p.85).

¹⁷ “La radio tiene que hablar como el oyente.” (PORTUGAL; YUDCHAK, 2008, p.85).

Esta jornalista destaca ainda o caráter espontâneo que tem a linguagem nesta interação discursiva: “em realidade, a rádio tem que falar como você quer, nada substitui o pessoal¹⁸”.

É evidente que diante de uma *mídia* de ampla difusão e expressividade, não podemos acreditar que, de fato, seu uso linguístico é exatamente igual ao uso comum, rotineiro e casual¹⁹, no qual não se observa preocupação com a fala. Diante dessa situação de enunciação, o falante tende a monitorar, ainda que discretamente, sua fala a fim de alcançar um padrão linguístico que esteja de acordo com um meio de maior prestígio e desenvolvimento tecnológico, como é a rádio.

Por outro lado, a existência de uma maior espontaneidade nesse gênero pode estar relacionada, em partes, à modalidade de concepção e transmissão dos enunciados, isto é, por pertencer ao domínio da oralidade. A impossibilidade de fazer releituras corretivas é outra característica que a modalidade atribui ao gênero, isto porque uma vez enunciada, a mensagem não pode ser apagada. Por ser do domínio da fala, encontramos a *entrevista radiofônica*, na figura 3, abaixo da linha tracejada.

O fato de estar mais ao lado esquerdo deste organograma, onde o monitoramento é mais baixo, mostra-nos mais uma vantagem da utilização, nos *corpus* de análise, de textos pertencentes a este gênero textual. Isso porque, o pouco monitoramento, reflexo da baixa formalidade e da intenção discursiva, aproxima o uso linguístico neste gênero ao uso das situações mais simples e cotidianas, isto é, do uso vernacular.

Aplicando a discussão feita sobre gêneros do discurso aos enunciados do *corpus*, chegamos à confecção da figura 6, na qual nos é mostrado como cada categoria teórica vinculada à noção de gênero do discurso se organiza na produção da entrevista radiofônica:

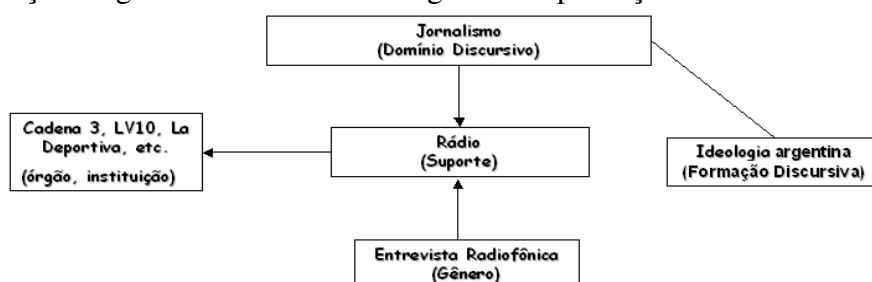


Figura 6. Da relação do *corpus* com as categorias teóricas envolvidas no estudo do gênero discursivo.

Para tratarmos algumas características relacionadas ao estilo, ao tema e à composição dos enunciados, recorreremos, como havíamos comentado, ao auxílio do *tropes*, *software* de processamento semântico. Segundo sua análise, o tipo textual preponderante na composição dos enunciados do *corpus* é o *argumentativo*, ainda que os demais tipos sejam encontrados com bastante frequência.

Sobre o tema, foi-nos apontada a preponderância de debates sobre *questões sociais*. No entanto, também estiveram presentes temas ligados à *geografia e urbanismo, arte e cultura, política, ciências e tecnologia, economia e finanças, jogos e esportes, animais, alimentação, empresarial, saúde e doenças, direito e justiça, emprego e trabalho*²⁰, ou seja, temas que envolvem a vida cotidiana da sociedade e que, na esfera jornalística, são resgatados e transformados em notícias por serem de interesse do ouvinte.

¹⁸ “[...] en realidad la radio tiene que hablar como vos lo sientas, nada reemplaza a lo personal.” (PORTUGAL; YUDCHAK, 2008, p.85).

¹⁹ Segundo Labov (2008, p.111) “por fala casual, em sentido estrito, entendemos a fala cotidiana usada em situações informais, em que nenhuma atenção é dirigida à linguagem”.

²⁰ Apropriamo-nos da terminologia empregada pelo próprio *software*.

Por fim, sobre o estilo, o *software* aponta a preponderância de verbos *factivos* e *estativos*²¹, que contribuem para a constituição de uma *encenação dinâmica*. Por meio da categoria *modalização temporal*, a mais preponderante das modalizações no *corpus*, podemos verificar uma grande recorrência de advérbios e locuções adverbiais de tempo que envolvem, fundamentalmente, o âmbito da enunciação (*ahora, hoy, ya*), que expressam frequência (*siempre, una vez, de nuevo*) e fragmentação do dia (*tarde, mañana, anoche*), além de alguns advérbios de *posterioridade e anterioridade* (*mañana, ayer*), entre outros. Vejamos como o *software* apresenta esses dados:

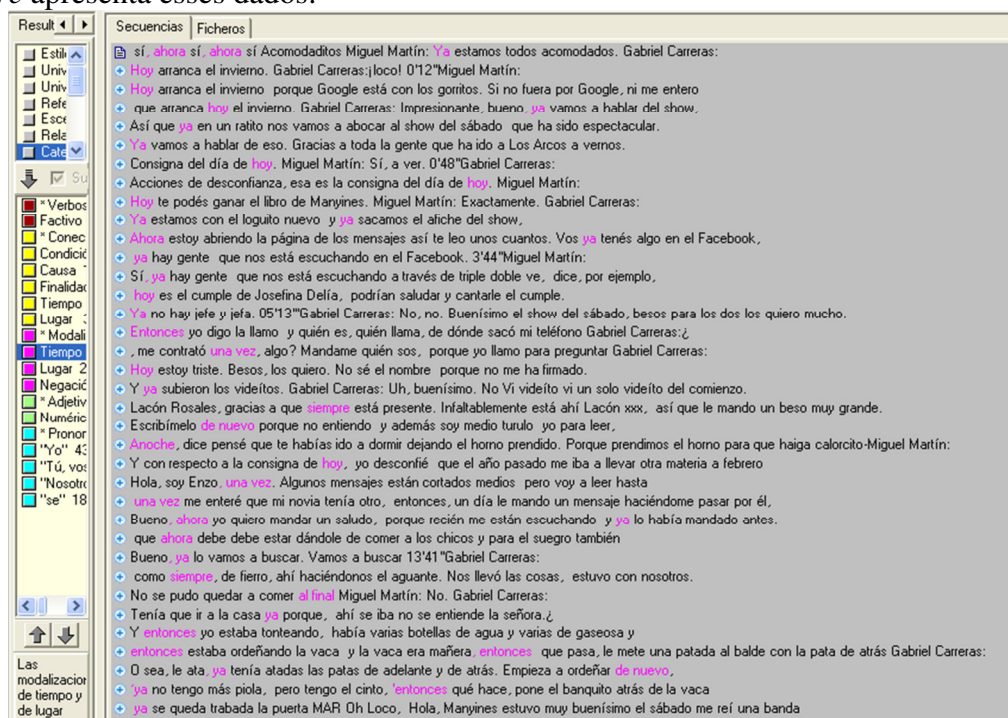


Figura 28. Da exposição da modalização temporal no tropes.

Juntos, os tipos de verbo e a modalização temporal delineiam uma situação satisfatória para o estudo, entre outros, da temporalidade linguística, isso porque há a recorrência de modos de ação (dinâmicos e estáticos) e concepções temporais (concomitância com o momento de enunciação, iteratividade, anterioridade e posterioridade) diversificadas.

Salientamos ainda a preponderância de formas pronominais de primeira e de segunda pessoas do singular – reflexo evidente da situação discursiva instaurada no gênero, na qual duas pessoas estão em diálogo direto –, e a tendência da variedade linguística usada neste gênero aproximar-se do uso menos monitorado e espontâneo da língua; isto é, do uso vernacular. Podemos citar, como exemplo, os seguintes fragmentos:

34. “Hola, Víctor Hugo, Tanto tiempo, ¡qué placer! me estaba riendo con los chistes de tu compañero.” <BsAs, Gr 02>.

35. “Para hablarnos de *Libertad*, como siempre, Rodrigo Carrizo, a quien saludamos. ¿Cómo Estás? Rodrigo, Buenas Tardes”. <MDZ, Gr 02>.

36. CAR: 2007, ahora sí, ahora sí, ahora sí. Acomodaditos.

MAR Ya estamos todos acomodados.

CAR: Impresionante este feriado.

MAR: ¿Qué onda?<TUC, Gr 01>.

²¹ Verbos que, segundo o *software*, expressam, respectivamente, ação e estado.

Nos enunciados apresentados, além de expressões que indicam uma situação de aproximação e espontaneidade (“*¡qué placer!*”, “*me estaba riendo*” e “*chistes*”), encontramos conjugação verbal (*estás*) e paradigma pronominal (*tu* *compañero*) referente à segunda pessoal do singular *vos*, cujo uso, na Argentina, também está relacionado a circunstâncias de menor formalidade/cortesia e maior familiaridade. Destacam-se também *repetições com efeito cômico* (“*ahora sí, ahora sí, ahora sí*”), *uso de diminutivos* (“*Acomodaditos*”), *expressões de gosto pessoal* (“*¡qué placer!*”, “*Impresionante*”), *formas de questionamento e cumprimentos menos formais* (“*Hola*”, “*¿Cómo estás?*”, “*¿Qué onda?*”), entre tantos outros exemplos verificáveis na totalidade do *corpus*.

Não obstante, em dada ocasião, havíamos advertido que eventualmente se poderiam encontrar marcas que apontavam para um monitoramento linguístico. Assim, entre outras, são evidências de monitoramento os seguintes grupos de marcadores conversacionais:

- **Repetições de palavras ou grupo de palavras:** “[...] hemos progresado bastante en lo... en lo grupal y en en en lo técnico, en lo táctico. Así que estamos... estamos bien (MAR, masc.; 33 anos, tesoureiro do clube 9 de julio, 3. COR)
- **Pausas na fala:** [...] Eh... la cifra era monstruosa, ha bajado Eh... bueno Eh... [...]. (FAR; masc.; 51 anos; administrador, 4. ROS).
- **Repetição de unidades lexicais ou paralexicais:** como uso excessivo de “eh”, “este” e “bueno”: “Eh... bueno, una Eh... una sesión muy emotiva”; “[...] un romance que que se mantiene y, bueno, eh... [...]”; “Este... de estas personas que [avaláron] la desaparición de personas, la detención de hijos de desaparecido, la apertura, este... yo digo que este... nadie puede dormir con esta sensibilidad [...]. (TOR, masc.; 58 anos, senador, 4. POS).

Ou seja, não negamos a importante aproximação entre o uso vernacular e a variedade linguística usada no gênero *entrevista radiofônica*, no entanto, há de se levar em consideração que o falante é sensível à realidade linguística instaurada neste gênero e tende a se ater um pouco mais ao modo como fala. De maneira que não podemos considerar as conclusões provenientes da análise deste material como válidas, necessariamente, para um contexto casual de monitoramento quase nulo, como se espera, por exemplo, da conversa cotidiana entre amigos.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN/VOLOCHÍNOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12 ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.
- FARNEDA, E. S. Perguntas e Respostas na Entrevista Radiofônica. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Letra Magna**, São Paulo, v. 6, p.1-18, 2007. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/entrevistaradio.pdf>>. Acesso em 15 fev. 2011.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: BRAIT, B (Org.). **Bakhtin: Outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto. 2006. p.115-131.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade: In DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p.19-36.
- MARCUSCHI, L. A. **Da Fala para a Escrita: Atividades de Retextualização**. 8 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2007.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- PÉREZ COTTEN, M. e TELLO, N. **La entrevista radial**. Buenos Aires: La Crujía, 2004.
- PORTUGAL, M.; YUDCHAK, H. **Hacer radio: guía integral**. Buenos Aires: Galerna, 2008.
- REBOUL, O. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SZYMANSKI, H. (Org.) **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano, 2002.